

Apresentam-se as armas do combate letrado reunindo palavras

Júlio César Barreto Rocha¹

Uma revista é qualificada pela medida de conflitividades que não renega, repassadas pelos seus textos, selecionados e então publicados. É então que se percebe da imprescindibilidade de haver um leque suficiente de pessoas representativas deste predicado em ambos os lados do balcão: um engajamento, ou seja, trazer no artigo submetido a força da palavra, mas armada (sim: armada) de “significânSias”, cuja natureza menos incerta do que a quantidade pode ser aferida pela média de polêmicas que pode ser capaz de propiciar; e, dois, no lado de cá: precisam-se de pessoas avaliadoras que descartem aquilo que venha mobilizado pelo ideal da arte pela arte. Estamos em tempos de combate letrado!

Com efeito, esta atual edição da revista Re-UNIR Letras, cujo passado de trinta anos de inauguração não possuiu a mesma pujante temporalidade de funcionamento – mas que, para remediar isso, vem conseguindo ajuntar autorias de boa cepa, em momentos de guerra permanente e de paz renegada, faz momento bélico mesmo no interior das pedras do lar: as mídias sociais não toleram o abandono de dois ou três dias sem que a sombra da nefasta alienação cubra de opróbrio e de negacionismo cada acadêmico parado. Não há nem deve haver momento de trégua na hipermodernidade. Saber só tem sabor se houver conversão diária.

Contudo, no âmbito acadêmico ou não, apresentam-se as armas do combate letrado primeiro que tudo reunindo palavras fortes: elas é que vão demonstrar as ações a empreender. Delas vêm as ideias relevantes para construir os argumentos. A reunião das letras apenas demonstrará haver um estamento por demais elementar da construção da língua escrita: letras ainda não representam muito, podem mesmo nem ser nada. Por isso se torna relevante o engajamento, de ambos os lados do balcão

¹ Licenciado em Letras (UFAM, 1987) e bacharel em Direito (UNIR, 1995), lotado no Departamento de Letras Vernáculas (UNIR, 1989), doutorado em Filologia e Letras Neolatinas (Universidade de Santiago de Compostela, 2003, UFRJ, 2005). Líder do Grupo de Pesquisa Filologia e Modernidades (CNPq, 2009), leciona no Mestrado Acadêmico em Letras, cumpre Estágio Pós-Doutoral (UFPA, bolsista do PROCAD Amazônia, CAPES), pesquisador do PIBIC (bolsas CNPq), em área de Linguagem, de Literatura e de Comunicação. E-mail juliorocha@unir.br. ORCID <http://orcid.org/0000-0002-8651-5739>.

desta revista, para haver uma seleção de textos verbalizados em positivo, que visualize o conflito existente na sociedade, e que deve ser admitido previamente, para que haja a consagração do artigo na revista, da revista no mundo, para a mudança social que possamos juntos fazer. Não há diapasão para medir conflito. Conseguimos ver ambos os nossos lados, mas (man)temos posição similar. Ou não participamos.

A presente edição desta Revista, que agora pode se jactar de possuir um DOI, e ninguém se engane, é máquina de produzir ideias seletas, é solução para o dilema *publish or perish*, mas somente deve cada pessoa redatora acalentar essa resultante, sob este título, se vier armada de amor pela transformação, somente funciona se quem empreender a longa jornada da escritura souber captar a essência dessa nossa doutrina, que tanto nos acusam de mobilizar e que tanto deve ser a verdade mais verdadeira da nossa função política e da nossa atenção cultural. Não existe sociedade democrática sem pelo menos dois lados enfrentados. Estamos num deles.

A seção da Entrevista já nos diz, de saída, a que veio este número: reunir um tema tradicional, Educação, à novidade mais comentada do ano: a inovação dos tipos de ensino diferenciados, hoje indispensáveis. Aline Christiane Oliveira Souza e Claudio Zarate Sanavria fazem o seu entrevistado, Airton Araújo Souza Júnior (do IFRN, *Campus Parnamirim*, lá na terra dos meus pais, diga-se), trabalhar com o tema “Ensino Híbrido, Educação a Distância e Ensino Remoto em tempos de pandemia: do possível ao realizado”, num formato bate-papo que não disfarça o seu entusiasmo com todos os milhares de indivíduos, agora sujeitos, alcançados pela tecnologia. Disso se trata quando se fala de combate e de armamento: Civilização pela inclusão. Não ficam de fora os vídeos, os games, a formação do professorado. São outros tempos, com mesma luta por meios e por *media*. São outros artefatos, permanecendo, contudo, alguns antigos conceitos. Vale ver.

Decerto os dez artigos, dois ensaios e uma resenha aqui reunidos também logram, com sobras, cumprir este desiderato sociocultural e político já vertido na entrevista. Duas outras pessoas, agora resilientes, Silvânia Aparecida Bernardo de Souza e Maria Cláudia Teixeira, cuidam de observar o suprasumo da hipermodernidade educacional, na nossa área central: “Tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino da língua portuguesa em tempos de pandemia”. A partir da certeza de que estamos diante de um artefato cultural que pode ser

manejado como arma – pois sintetiza em sigla: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação são as TDIC – direcionada ao campo de batalha da BNCC, ou seja, orientado à Base Nacional Comum Curricular, a partir de uma sequência de três aulas de Língua Portuguesa destinadas ao nono ano do ensino fundamental, “disponibilizadas na plataforma de ensino a distância criada pelo governo de Estado do Paraná para atender alunos da rede pública de ensino”. Consegue-se a inserção e depois o uso destas bombas de profundidade para o ensino da leitura e para o aprimoramento das práticas docentes. Não é pouco e é vanguarda.

Ana Carla Barros Sobreira, por sua vez, revisa similar território conflagrado, com maior ainda pertinácia. No entanto, ninguém se engane: o sofisticado tem lado. E existe espaço para trazer autorias de vária origem. Leia-o no seu “Práticas de leitura no ciberespaço: o gênero Notícia Jornalística do impresso ao digital”. Abordar a notícia jornalística a partir de um ponto de vista duplo é bem difícil, porque envolve contradições: há um novo modo visto pelo prisma do antigo formato. Claro que existem conexões entre o texto impresso e o texto digital, mas a questão do gênero não se poderá resolver sozinha. Somado a isso, teorias de estudos dos gêneros misturam-se ao problema da... mistura de tudo o mais: “Verificamos que embora o texto escrito sirva de base tanto para o jornal impresso como para o digital, um recebe a influência do outro e ambos encontram seu lugar ao sol, em um determinado momento histórico, social e cultural”. Não é fácil, mas a autora faz parecer simples a maneira de resolução, como que a cumprir aquela máxima filosófica, que diz nenhuma ideia poder ser realizada se o seu tempo não o permite nem a sua necessidade não o impulsiona.

Não fica à margem destas páginas considerar o seu complemento, ao modo dos seus antecedentes, ao analisar-se o “movimento das representações em torno da prática de ensino no contexto de trabalho da educação a distância”. Por meio do Interacionismo Sociodiscursivo, Marcia Cristina Vogues e Maria Alzira Leite construíram as cargas explosivas que são os tipos de “docência na tela: dos modos de dizer à prática”, um artigo breve centrado no ideário hipermoderno a destacar “mecanismos enunciativos, como as vozes e as modalizações”, que, assim monitorados, validam o que chamam de “a dinâmica das representações”, que tende a se apresentar calcada na modalidade conhecida como Ensino Presencial e ainda ao lado do Ensino on-line, os quais, com diferentes práticas, vêm a ressignificar o

especial saber-fazer deste novo professorado, agora capacitado para o milênio que já iniciou há duas décadas de conformismo na quase estagnação do antontem. Não há dúvida de que a Covid-2019 veio para ser pedagógica.

A dupla Laécio Fernandes de Oliveira e Linduarte Pereira Rodrigues, pelo seu artigo “Linguagem multimodal e relações sócio-discursivas: por um leitor crítico na aula de língua materna”, obtém destaque no que será uma das mais aclamadas formas de gerar revoltas nos dias que correm (leia-se *Black Lives Matter*), uma vez que as relações étnicas geram a expectativa de unidade contra um Estado opressor, fazendo do letramento um local de guarda de recursos de linguagens para além do uso normal e corrente da palavra do dia a dia, num processo de leitura “pautada em aspectos multimodais do texto/linguagem produtores de efeitos de sentidos”. A partir do material empírico da dramaturgia telenovelistica (a novela *Duas Caras* de Aguinaldo Silva), em uma encenação de um jantar, sobem à tona discursos, “cuja linguagem é rica em recursos multimodais, reveladora de discursos que expõem conflitos sócio-étnicos-históricos circulantes na sociedade”. Com isso, aspectos histórico-culturais são destacados, e podem-se questionar tanto estereótipos cansados como preconceitos caricaturais. A luz da dupla autoral no cenário logra o efeito de destacar matizes dificilmente encontrados em outras páginas. Para isso existe essa revista nos nossos tempos: para assumir as posturas de quem venha carregado, a ressaltar o que seja conflitivo e o que é conflitante, em nome da Cidadania plena para toda Pessoa que assiste a uma novelona, mas quer se desacostumar de ver como se fosse normal a irrealdade cotidiana que ela quer transmitir como visão única.

O mesmo racismo considerado acima não é o que acontece aqui nesta nova análise de mundo, mas como campo de cisão social e de opção necessária são os mesmos. Ana Cecília Teixeira Gonçalves, Jeize de Fátima Batista, Luciane Mumbach, Ísis Demeneghi Lemos e Hilary Lima Macie trazem no artigo denominado “A abordagem de temáticas sociais em sala de aula: a reflexão sobre o racismo no ensino de Língua Portuguesa” uma perspectiva social-negrista perfazendo a mesma trilha de optar por um ensino de Língua Portuguesa engajado. Num plural Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) podem-se envolver os variados bolsistas-ensinantes em grupos ou individualmente, e, assim a coisa andou:

Por meio de “uma concepção sociointeracionista de linguagem, foi elaborado um planejamento que contemplou a temática racismo, enfatizando-se a importância de atividades linguageiras, em especial da leitura e da escrita, para a problematização desse tema”. Neste caso, valem os detalhes da reflexão, para assim assinalar mais do que o racismo, mas ainda fazer calar fundo a obrigação social de redigir textos, como caminho para comandar a luta nessa fronteira – em geral tão distante – do saber escrever. Para isso existimos: dialogar, interagir e sobretudo assumir as consequências da Crítica: escrever para transformar.

Nem por estarmos no centro da Hipernormatividade, devemos pensar que os elementos envolvidos ao longo do século passado deixaram de estar em evidência: Bruna Lays Alencar Brandão, Flávia Colen Meniconi e Danillo Silva Feitosa comprovam, com o artigo “Casa de cultura no *campus*: o ensino-aprendizagem da escrita argumentativa em língua espanhola por meio do gênero textual carta do leitor”, que o funcionamento tradicional da escrita argumentativa pode ser contextualizado numa pesquisa-ação em Iniciação Científica, e que nem precisa ser iniciação, nem científica, sendo PIBIC, como é, de fato, o objeto analisado. Aqui, entretanto, surge um diferencial importante, para envolver as leituras diferenciadas de quem tenha acesso a esse texto: o gênero textual Carta do Leitor (e em língua espanhola) dá um clima futurista e de participação interessante para a pessoa pesquisadora, em formação, bem como para o docente em construção. Grande bagagem teórica completa o panorama, e temos, então, a certeza de que a redenção deste mundo é possível, havendo essas práticas holísticas, que absorvem leitura, ação, pesquisa, ensino, escrita... Há pletórico resultado implicado, também, dado que se percorreu uma sequência didática suficiente para o caso.

Outro campo de disputa, argumentativa e sempre cercada de matizes de natureza econômica, é a existência do ENEM. Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio substituiu o exame vestibular, na maioria das instituições de ensino superior brasileira, sendo tão grande o sucesso que a nota passou a ser utilizada também no estrangeiro e, também, em centros de ensino que nem se envolvem com a sua aplicação, nem contribuem para a sua remuneração, como despesa que é. A sua redação, a sua temática, como antes, no vestibular de toda a vida, torna-se invariavelmente tema de debate nacional. Por si só, este item já envolve belicamente

toda a maquinaria jornalística brasileira. Assim, os autores Thais Teixeira de Oliveira, Peterson Luiz Oliveira da Silva e Alan Ricardo Costa tratam no artigo “Repertório sociocultural em redações nota 1000 do ENEM: o que, como e onde?” de analisar algo mais fundo: “os tipos de repertório socioculturais mais empregados, bem como sua disposição no texto, em exemplos de redações avaliadas com a nota máxima do exame (nota mil)”. Como pesquisa qualitativa, com um **enorme corpus** (dada a sua diminuta participação entre o quantitativo total), com 44 redações nota mil, todas do ENEM de 2019, que estão disponibilizadas no site do INEP, percebe-se haver pelos redatores mais assertividade nas áreas de Filosofia e de Sociologia, bem como deparou-se o resultado com uma irregularidade no emprego destes conteúdos, em termos de estruturação, demonstrando, ao que nos concerne, existir forte qualidade em quem se dedica a essas áreas, que surgem, então, como necessidade imperiosa para garantir a proteção intelectual ao próprio Estado democrático de Direito.

Novamente retorna o tema da leitura, mas agora leitura oralizada, e novamente escola, mas então tratando-se de uma pesquisa com alunos do sexto ano (Ensino Fundamental) de quatro escolas da capital do Pará, por meio do emprego do método CBM (*Curriculum-based measurement*), que é a chamada Medição Baseada no Currículo, segundo essa antiga proposta de Stanley Deno (1985, *the emerging alternative*) para a coleta dos dados. Artigo derivado de uma dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA em 2015, que tive eu a fatalidade de consultar e compilar no ano passado, chega o hoje mestre a conclusões de que as taxas referenciais “devem ser consideradas independentemente para cada escola, a fim de que se possa fazer um diagnóstico mais confiável e promover uma avaliação que permita intervenções mais consistentes”. Ou seja, infere-se questão de natureza metodológica, comprovando-se que os espaços do Objeto não devem ocupar todas as páginas de uma revista que está investigando em âmbito científico por excelência. Assim, Michell Gadelha Moutinho, o mestre, aqui articulista, executa uma eficiente síntese do seu trabalho de conclusão de mestrado, denominado, contudo, diferenciadamente que o artigo, que retoma mais que nada o aparato do seu Método: “Parâmetros para o diagnóstico e avaliação da precisão na fluência em leitura oral: uma análise do desempenho de alunos do 6º ano do ensino fundamental”.

A palavra ressignificação ganha contornos de fábula, neste período vital do Planeta, em que todas as pessoas parecem ansiar pela identidade, ainda que temporária e eventualmente plural. Com o artigo “Desvios e discursividade em perguntas de leitura: ressignificando erros no diálogo com alunos”, o seu autor, Arthur Ribeiro Costa e Silva, faz derivar da Psicolinguística Aplicada uma pesquisa com cores bem fortes em que a Análise do Discurso e as formações discursivas manejam tanto a Ideologia como conceito realizado, como ainda o inconsciente e “a subjetividade clivada”. Daí, surgem as Questões sobre (novamente: tema estrela) leitura, cabendo pluralidade de respostas, conforme sejam evidenciadas várias interpretações, em que “os resultados dos alunos seriam considerados [noutras situações] como erros”. Também, como o anterior artigo, realizada a pesquisa em turmas do Ensino Fundamental de Belém, a análise indica existirem desvios nas respostas de alunos que não seriam tipificados como “erros de leitura”, mas sim como interpretações divergentes, conforme a História seja mobilizada, com ampla possibilidade de recorrer cada qual a novos fluxos de leitura, capaz de engajar a cada pessoa em um processo de autocrítica, que é o decisivo para nortear a função social da aplicação da experiência escolar na vida e na hermenêutica da própria sociedade envolvente. Percebe-se fácil o seu uso: os pressupostos são a certeza de haver Ideologia e de haver História. Somos dinâmicos. Os resultados são a reinterpretção da vida. Pode-se querer mais?

Bem dinâmica, de fato, é a excelente contribuição de Audinéia Ferreira Silva, artigo último desta valiosa leva deste número, que, denominado “Análise acústica das fricativas alveolares do Português Brasileiro em posição coda silábica”, incide em tema pouco enfrentado nas publicações Brasil adentro. Com bastante ciência e proficiência, uma difícil questão acústica do Português Brasileiro é debatida nos quatro “momentos espectrais” (centróide, variância, assimetria e curtose) das consoantes fricativas, configurando uma excelente ocasião para caracterizarmos a Língua Portuguesa como unidade linguística, ainda que haja um seu diverso funcionamento pelo mundo. Como se sabe, é o Quadro Fonológico o item nucleador da aceitação do caráter unitário de uma Língua, como idioma mundial, frente aos seus primos, latim em pó, como dissera Caetano Veloso, castelhano, francês, catalão, italiano... até o moldavo. O presente artigo, com profunda riqueza técnica, descreve o comportamento

das fricativas em posição de coda silábica, com uma redução, cuja neutralização entre as consoantes dá-se “em proveito de um único traço distintivo permanente: a fricção produzida pela língua”, com neutralização. Os espectrogramas, bem como a riqueza de citações de autores de nomeada e ainda a sua cuidada metodologia, trazem-nos a certeza de estarmos perante munção completa para afrontar –por exemplo– quem eventualmente ouse pensar em dividir as faces da Nossa Língua Portuguesa das suas várias presenças variadas, nos sons, nos Estados da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa e mais a Galiza, como se fossem variantes e variações que fizessem idioma. Claramente, poder-se-á inferir que não é assim. As descrições técnicas, no texto, a menção a outros idiomas, as tabelas e os gráficos bombardeando nos flancos abertos da desinformação sobre as fricativas alveolares tornam todo esse aparato uma vanguarda para derivar mais inferências ainda, no mundo belíssimo e complexo da Acústica, área ainda muito carente de quem se atreva a penetrar, um mundo da sonoridade rica da pronúncia diversa das palavras, que são os momentos de maior significação da língua, na guerra glotofágica que pensam alguns possa ser redutível a invariâncias as questões da Fonética e da Fonologia, quando se sabe que há muito mais vida teórica neste jardim vital que nos une planetariamente, dialetos que não nos separarão jamais, se mais estudos deste naipe sobrevierem.

Dois ensaios encerram (antes da seção da Resenha) este verdadeiro batalhão de soldados-teóricos, armados com os equipamentos da capacidade do pesquisador de largo alcance epistemológico. Raimundo Nonato de Oliveira é um destes, e, no texto “Letramento(s) digital(is) e os caminhos formativos: um diálogo possível na construção do conhecimento em tempos de pandemia”, ele partilha, em ordem unida com outras perspetivações nessa mesma revista, acima, um ideário de configuração do professorado em que os conceitos da área digital se impõem para a formação continuada de professores em contato com a realidade factual das novas salas de aula (remotas? virtuais?), fazendo com que “considerem os interesses desses sujeitos para além da escola”. A Teoria, aqui também, torna-se o ponto forte deste Ensaio. Do mesmo modo, este outro, segundo e derradeiro ensaio, denominado “A Fonologia Faz Parte da Gramática de uma Língua?”, de Eliane Nowinski da Rosa, faz um percurso histórico na Teoria do Conhecimento e na Filosofia da Língua, assim como na História da Gramática, com laivos de Saussure (embora não se o cite pontualmente), para

quem adscrever um significado a um som ou a um grupo de sons parecia resolver um problema de milênios de debates. As suas discussões revelariam que “a fonologia (conhecimento do sistema sonoro de uma língua) faz parte da gramática de uma língua”, e a Gramática Cognitiva do linguista Ronald Langacker (1987 e 2013) passa a dar o tom maior nesta demanda em que parece provar-se que a Fonologia e o Ensino Básico ainda têm muito o que dizer, não sendo “estruturalismo arcaico” ou esterilizante aquilo que é passível de usar-se com proveito para deslindar a própria base do reconhecimento da característica que nos define como “animais racionais”. Garante-se um nível similar ao dos que vieram na vanguarda, porém com a seta indicativa de engajamento voltada mais para a teoria e para solver questões que se martelam desde a Antiguidade Clássica. Volta-se para pegar impulso.

A resenha que fecha esta publicação presente revisita, no texto intitulado “Língua: Objeto de estudo, patrimônio do povo” (escrito por Débora Santos Oliveira), a obra *Objeto língua* (São Paulo: Parábola, 2019, 261 páginas), de um autor-fenômeno no panorama da teoria linguística nacional: o mineiro de Cataguazes Marcos Bagno, prolífico e querido (sem deixar de ser polêmico e muito combatido) autor, calando fundo na comunidade de estudiosos da Língua Portuguesa muitos dos seus conceitos, dos quais “preconceito linguístico” será, de longe, o mais manejado, embora as suas raízes sejam de outra área (Ciências Sociais) e de diversa sorte de autorias-influências. Porém, diante da chamada globalização multilinguística, defender a Língua como objeto patrimonial, que é, no fundo o que faz o autor resenhado, é bastante característico da nossa era intercultural. Com isso, aqui, como antes em cada artigo ou ensaio desta edição desta Revista, nota-se inexistir qualquer momento de trégua, com referências variadas de hipermodernidade bélica, porque há saber com sabor e (esperamos) com conversão, porque cada artigo e cada ensaio, bem como essa resenha e o autor resenhado, logram divisar os lados do Bem e o lado dos Males, porque não existe sociedade democrática sem que possamos assumir pelo menos um dos lados enfrentados: e temos necessariamente de assumir um deles, ainda que não haja diapasão para medir a conflitividade envolvida em cada linha, em cada verbo, em cada palavra destes textos todos, submetidos e aceitos após avaliação segura. Havendo impacto bélico com este número, estaremos realizados quanto aos nossos propósitos maiores. Outros outubros virão!